

IVÂNIA VIEIRA

E por falar na 'Rio + 10'

"É LAMENTÁVEL QUE MAIS UMA VEZ MUITA
ENERGIA TENHA SIDO COLOCADA À
DISPOSIÇÃO DO TEATRO OFICIAL"

RIO DE JANEIRO – Dez anos depois da Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento (a ECO-92, realizada nesta cidade), o Brasil prepara-se para ir à "Cúpula de Joanesburgo", na África do Sul, dentro de um pouco mais de dois meses, com algumas conquistas e muitas lições de casa não cumpridas.

Até hoje concentra-se no Rio um batalhão de pessoas em múltiplas tarefas desde a do lobby mais explícito àquelas mais nobres – de acreditar e querer mostrar possibilidades concretas de novas alternativas de desenvolvimento que se contrapõem a pesados interesses também vigentes nesse "campo sagrado" ambientalista. Reunido em torno de uma série de eventos da "Rio + 10", esse batalhão revela a exata dimensão de como a agenda "meio ambiente, desenvolvimento econômico e Amazônia" é conduzida: com esforço gigantesco de uns e a farofeira de outros. Na maioria dos seis painéis oficiais o que se constatou nesse encontro foram horas de falação oficial, agradecimentos exagerados na repetição e pouco espaço à fala das representações de organizações sociais. É lamentável que mais uma vez muita energia tenha sido colocada à disposição do teatro oficial enquanto experiências várias, positivas, e advertências oportunas deixaram de ser apresentadas em um fórum legítimo, com amplas chances

de alcançar outros públicos e se multiplicarem.

Quanto à Amazônia, colocada como estrategicamente importante para o Brasil e o mundo, a situação é ironicamente séria. Os recursos orçados para a região este ano reduziram na comparação com 2001 e, em seguida, sofreram cortes que ameaçam parar vários programas. Ser prioridade na agenda do Governo com tamanha limitação é no mínimo estranho e incompatível.

As experiências indígenas, por exemplo, fundamentais na Amazônia porque concentra a grande maioria dos povos indígenas, poderiam ter espaço maior e menos burocracia. Nesse contexto, embolam-se entendimentos muito próprios da estrutura governamental e das agências de cooperação internacional. As regras do "mundo branco" ainda atuam fortemente para manietar as formas de organização e participação do "mundo indígena". Romper tais barreiras é um dos desafios postos e que, espera-se, na "Cúpula de Joanesburgo", possa pelo menos ganhar maior visibilidade. Governos e agências internacionais precisam compreender e fazer funcionar outros relacionamentos e isso não vai acontecer por vontade própria deles, é necessária a pressão articulada e permanente.

A autora é jornalista

E-mail: ivvieira@uol.com.br

Documentação

Fonte: *Acervo (Opinião)*

Data: *28/6/2002* Pg: *14*

Class.: *08*